

A TRADIÇÃO EMPREENDEDORA DOS MIGRANTES NO DESENVOLVIMENTO DA AGROINDÚSTRIA DE CHAPECÓ

Sedenir Fiore

Jivago Pizarro Schulte Ulguim

Jauro Sabino Von Gehlen

RESUMO:

Este artigo apresenta uma reflexão acerca da relação entre o desenvolvimento da agroindústria no município de Chapecó e o perfil empreendedor dos migrantes que colonizaram esta região. Nesta abordagem construída, o perfil empreendedor do migrante foi um elemento determinante para a constituição da agroindústria nesta região. Esta análise constrói a idéia que o reconhecido complexo agroindustrial de Chapecó tem sua gênese no processo de colonização empreendido por migrantes com uma “cultura empreendedora”.

Neste contexto cria-se a relação direta entre o desenvolvimento econômico da região com suas características peculiares no processo de colonização. Isso parte da prerrogativa de que as relações entre a cultura empreendedora do colono e as condições da colônia foram conseqüências diretas do seu destaque econômico.

Para melhor compreensão do leitor o artigo apresenta-se em cinco partes: introdução, um breve relato do processo de colonização de Chapecó, a apresentação do perfil do migrante colonizador, a apresentação das características socioeconômicas provindas do empreendedorismo migrante e por fim, algumas considerações finais. A metodologia utilizada para este trabalho parte de fontes secundárias dos autores mencionados em seu desenvolvimento, bem como, de meios eletrônicos.

PALAVRAS CHAVES: colonização, migrante, agroindústria, Chapecó.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discutir a relação causal que se dá entre o processo colonizador em Chapecó, região Oeste de Santa Catarina, e o desenvolvimento da agroindústria nessa região.

A colonização do oeste de Santa Catarina foi marcada por diversas culturas entre elas a cultura itálica com todo seu bojo de informações. Estes migrantes, na maioria provindos do norte do Rio Grande do Sul, foram os primeiros a pôr em marcha a produção e comercialização agroindustrial.

Dada essa especificidade, podemos propor um estudo para inferir que os migrantes que colonizaram Chapecó e região caracterizaram estes territórios por suas características de divisão social do trabalho, trazidas de seus locais de origem. A partir da experiência da colonização e da passagem dos diversos ciclos econômicos (erva mate, madeira, agroindustrial) Chapecó ganhou características próprias e distintas de outras áreas de povoamento.

Procuraremos construir em meio a esse processo o perfil do migrante que chega ao Oeste de Santa Catarina, suas peculiaridades que deram traços característicos ao contexto socioeconômico que se desenvolveu na região.

Não se pretende encerrar a discussão, ao contrário buscaremos fornecer uma reflexão a mais sobre essa temática dentro da comunidade científica, que pode ser aprimorada. Considera-se que com os dados que apresentaremos possamos mensurar a importância do migrante colonizador para a cidade de Chapecó e em específico para o desenvolvimento econômico.

2. PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE CHAPECÓ

Localizado no Oeste de Santa Catarina Chapecó está delimitado geograficamente ao sul pelo Rio Grande do Sul, ao norte pelo Paraná, a Oeste pela Argentina e ao leste pela região do planalto catarinense. Segundo o IBGE (2010) Chapecó compreende uma área de 624 km² com uma população de 183.530 habitantes.

Segundo o IBGE (2010) Chapecó está inserida na mesorregião oeste de SC, constituída por 118 municípios, representando 40% dos municípios catarinenses. Chapecó é a maior cidade desta mesorregião e considerada pólo econômico da AMEOSC¹. É considerada a capital brasileira da agroindústria e a capital catarinense do agronegócio.

A colonização de Chapecó inicia-se através do projeto de colonização do governo estadual, que visava povoar uma área considerada um vazio demográfico, deixado de lado por ser área florestal e de difícil acesso. (ALBA, 2002). Essa política de ocupação é reflexo do esforço do governo federal de povoamento de “áreas esquecidas”, iniciado no início do século XX.

O governo estadual passou a conceder incentivos às companhias de colonização², que iniciaram assim a ocupação da região oeste. Dentre essas companhias destaca-se os nomes de: Ernesto Bertaso e Manoel Dos Passos Maia que iniciarão colônias em 1918 no atual território de Chapecó. A companhia Bertaso a partir de 1923 tornou-se proprietária de grande parte da região. Nos dados fornecidos pela administração de Chapecó fica claro a importância da companhia Bertaso para o povoamento de Chapecó:

Esta colonizadora, tornou-se proprietária de vasta área e responsável por qualquer iniciativa comercial e colonizadora dentro de seu patrimônio que atingiu a casa de 2.249.259.441m². A área inicial, sob a jurisdição da colonizadora Bertaso, abrangia as fazendas: a) Campina do Gregório, com 15.000 mil alqueires, ou seja 509.234.874m², adquirida por compra em 1918 dos Herdeiros da Baronesa de Limeira (SP). b) Fazenda Rodeio Bonito e Chapecó, totalizando 100.000 mil hectares, por concessão do Governo do Estado de Santa Catarina, cujo contrato data de 26 de junho de 1920.

¹AMEOSC é a Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina.

² Companhias de colonização eram empresas governamentais ou de capital privado que organizavam o processo de ocupação de uma região através da compra das terras e do repasse destas para os colonos.

Respectivamente a área de cada fazenda era de: 288.202.080m² e 538.186.742m².

A empresa Colonizadora Bertaso, construiu estradas e estabeleceu nas terras milhares de colonos procedentes de lugares diversos das antigas colônias do Rio Grande do Sul. Paulatinamente a incorporação da região ia acontecendo. A atividade econômica do extrativismo, com a conseqüente venda da produção aos países do Prata, através do sistema de balsas, tomou conta. E graças a fertilidade de seu solo, em um curto espaço de tempo, a Região Oestina se inseriu em um processo amplo de expansão econômica colonial do Sul do país. (CHAPECÓ, 2012).

Em março de 1917, através da lei n. 1.147 cria-se o município de Chapecó em meio evidentemente de conflitos entre caboclos, entendidos aqui etnicamente como: “o filho de indígena com branco europeu”(ZARTH, 1998, p. 47) que estava na região e migrante, entendido aqui como uma força de trabalho de fora (SAYAD, 1998). A ocupação da região de Chapecó teve três fases distintas: a primeira é a ocupação dos índios nativos, a segunda a posse das terras por parte dos caboclos e a terceira compreende a efetiva colonização por parte de descendentes de europeus provenientes do Rio Grande do Sul. (ORLOWSKY, 2005).

Sendo assim, até os anos 1940 a colonização da região oeste de Santa Catarina era feita pelas companhias de colonização, que tinham como sede a cidade de São Paulo e a partir de 1930 já temos o desenvolvimento de uma política local comandada por uma oligarquia de colonos ligados ao comércio e a indústria local nascente (pequenas casas comerciais, madeireiras). (ALBA, 2002).

O Oeste catarinense e, por conseguinte Chapecó, recebeu após a definição das fronteiras Brasileiras em relação à Argentina um povoamento maciço a partir de 1895 e que se consolidou após as disputas da região do contestado³ em 1916. A ocupação visava o abastecimento do sudeste do Brasil com produtos agropecuários produzidos pelos colonos dessa região, além da produção de erva-mate e a extração de madeira.

O governo brasileiro em 1889, autorizou a construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, que só se efetivou no oeste de Santa Catarina em 1910, a empresa

³A Guerra do Contestado ocorreu entre os anos de 1911 a 1915. O nome deve-se à disputa entre os estados do Paraná e de Santa Catarina por uma área limítrofe rica em erva-mate e madeira doada pelo governo brasileiro aos madeireiros e à *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/guerra-do-contestado/>> Acesso em: 10/12/2012.

construtora (Railway Company) ganhou do governo federal o direito de propriedade das terras locadas a 15 quilômetros de cada lado da ferrovia. (CEPA/SC, 2003).⁴

Tão logo acabou o trabalho na extração de madeira e na construção ferroviária, os trabalhadores abandonados pelas empresas se mantiveram na região como posseiros, vivendo ao longo dos trilhos da estrada de ferro. Por volta de 1911 a empresa Railway Company tomou as terras desses posseiros.

De posse das terras a empresa passou a vende-las para as companhias de colonização, que em 1917 criaram entre outros municípios o de Chapecó com a chegada de migrantes oriundos do norte do Rio Grande do Sul, que já estava com insuficiência de terras para abrigar os imigrantes.

A partir de 1920 a colonização do Oeste Catarinense se dá dentro do padrão que vinha se dando em todo o estado, as colonizadoras exploravam a madeira, faziam os lotes e os vendiam aos migrantes. É bem verdade que o processo não foi assim harmônico, houve muitos problemas na compra e venda e na alocação dos índios e caboclos que ali estavam. (CEPA/SC, 2003).

Com o desenvolvimento de Chapecó, a cidade passou a receber também migrantes que haviam se instalado a princípio nas cidades vizinhas, como Joaçaba. Pois se configurava como o grande centro urbano da região oeste do estado de Santa Catarina e propiciava aos migrantes, em sua maioria italianos ou descendentes de italianos, as comodidades em uma área urbana.

De um modo geral os migrantes instalados no município de Chapecó que se concentraram nas áreas urbanas ou pré-urbanas passaram a partir de 1940 a desenvolver as atividades agroindustriais, em especial de carne suína.

⁴CEPA/SC - Instituto de Planejamento e economia Agrícola de Santa Catarina Secretaria de Estado da Agricultura e Política Rural. **Migração rural e estrutura agrária no oeste de Santa Catarina.** 2003. Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/migracao.pdf>>. Acesso em: 21/11/2012.

PERFIL DO MIGRANTE COLONIZADOR

Chiara Vangelista (1991) observou que a cidade, ou os grandes centros urbanos, foram à busca da maioria dos migrantes. Esses tiveram a oportunidade de empreender no ambiente urbano. Segundo ela o migrante que se afastou da zona rural vislumbrou outras possibilidades de trabalho.

No ambiente urbano o migrante pode iniciar pequenas oficinas artesanais ou comercio (VANGELISTA, 1991) e a partir disso iniciar produções manufatureiras em pequenas indústrias⁵.

Para Constantino o fato de que Chapecó tenha se caracterizado por uma colonização de migrantes e descendentes de italianos em sua maioria, evidenciou as diferenças entre um desenvolvimento rural e o desenvolvimento das agroindústrias. (CONSTANTINO, 2000). Sendo que Chapecó se tornou uma referência urbana para a região oeste de Santa Catarina.

Segundo Constantino as cidades ocupadas pela migração italiana ganharam traços próprios dessa cultura refletidos não só na disciplina econômica como na arquitetura, na religião e na administração pública (CONSTANTINO, 2000). Esses traços identitários são percebidos não só nas construções materiais como também nas manifestações imateriais da cultura. Dentre estas podemos inferir a disposição para o empreendedorismo dos colonos migrantes que se instalaram em Chapecó.

Assim, o desenvolvimento da agroindústria está, para autores que pesquisam o Oeste de Santa Catarina, ligado a introdução do migrante italiano com seus valores relativos ao trabalho e as ideias de progresso. (CONSTANTINO, 2000). Criou-se assim a imagem dos “colonos abelhas”, referindo-se a disciplina no trabalho característico dos empreendedores das agroindústrias na região de Chapecó.

Sendo assim, a “(...) ligação com elementos próprios de cultura em correspondência com a família, com a terra e com o trabalho”. (TEDESCO, 2001, p.17) fizeram com que

⁵ Para maiores detalhes sobre a colonização de alemães e italianos em Santa Catarina ver Grosselli, 1987, p. 464-70.

o colono italiano e seus descendentes pudessem ascender economicamente e socialmente por meio do desenvolvimento da agroindústria.

Acerca da forte ligação entre a cultura do trabalho italiana e o desenvolvimento industrial regional explica Tedesco:

As transformações das relações de produção, tanto nas plantações de café em São Paulo quanto na pequena propriedade no sul, indicam-nos que é possível articular valores culturais italianos com a realidade material, na medida em que a família contempla processos de divisão social do trabalho, de determinação e de formas variadas de acumulação de capital para si e para outros agentes nela envolvidos. (TEDESCO, 2001, p.18).

Essa divisão social do trabalho citada por Tedesco se deu no oeste catarinense através do chamado “sistema de integração”. “Neste sistema, o produtor recebe da empresa os insumos e a assistência técnica necessários para a engorda de suínos e aves e quando os animais estão prontos para o abate são vendidos para a empresa, havendo o desconto dos insumos adquiridos” (BAVARESCO, 2005, p.142). No período de 1970 a 1975, 95% dos frangos abatidos pelas empresas provinham do sistema de integração (INSTITUTO CEPA, 2000).

A partir de 1910 os pequenos empreendimentos agroindustriais iniciados no início da ocupação, com o empenho dos colonizadores, passam a ser grandes agroindústrias dentro do cenário nacional com técnicas avançadas de produção entendidas pela ótica simbólica do imaginário do colono italiano, como relata Tedesco:

No ramo de suínos, já em 1911, as cooperativas rurais, matadouros e frigoríficos começaram a surgir no sul, sendo as responsáveis pelo sistema de crédito e de capitais que possibilitaram parte dos instrumentos técnicos na produção rural e na própria indústria de carne nascente na região. Muitas cooperativas transformaram-se em grandes agroindústrias (...). É importante ver a questão da técnica também na ótica do simbólico, dos imaginários de colonos, que foram se construindo aos poucos no seio dos espaços de imigração italiana. A ótica do planejamento, da redução do custo, da organização da unidade em termos de tempo de trabalho e de produção, o envolvimento com o dinheiro e com os negócios, sempre obedeceram a inovações. (TEDESCO, 2001, p.69/100).

Portanto, o perfil empreendedor do migrante estabelecido em Chapecó se constrói tanto pela possibilidade oferecida na terra de chegada quanto pelas características trazidas de sua cultura, em especial a disciplina no trabalho e a gerencia nos negócios.

3. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS PROVINDAS DO EMPREENDEDORISMO MIGRANTE

A partir de 1940 Chapecó começa a caracterizar-se pela significativa produção pecuária e o comércio além da extração de madeira, mas as mudanças mais significativas na economia são percebidas a partir de 1950, como sinaliza Rosa Salete Alba:

A partir dos anos 50, mudanças significativas começaram a ocorrer. A população, que em 1940 era de 44.237 habitantes, em 1950 passou para 96.624 habitantes. Apesar da indústria madeireira continuar sendo a mais representativa, surgiram naquele momento outros ramos de produção. Entre elas a indústria moderna e a “semente” da agroindústria no município (...). (ALBA, 2002, p.25).

Devemos destacar que a partir de 1950 as casas comerciais, antepassadas das agroindústrias, adquiriram maior importância, pois eram esses comerciantes que compravam o excedente agrícola e vendiam produtos de primeira necessidade para os agricultores das pequenas propriedades. (ALBA, 2002). Além disso essas casas serviam como correio, local para fazer empréstimos, ou seja, era o centro da colônia.

Para Paulo Roberto Bavaresco é nessas casas comerciais que está o embrião das agroindústrias⁶ germinado pelo acúmulo de capital dos proprietários destes estabelecimentos, um desses empresários migrantes era Atílio Fontana, filho de migrantes italianos, sobre ele Bavaresco diz:

O acúmulo de capital de Fontana proporcionou a compra de um hotel que logo foi transformado em casa comercial. Com o comércio de alfafa, cereais e suínos em troca de utensílios e suprimentos para a casa comercial, Fontana tornou-se representante exclusivo da Antonio Menck e irmãos – atacadistas de suínos em São Paulo. É neste processo que em 1940, surge no vale do rio do peixe a instalação do frigorífico Sadia e Frigorífico Perdigão S/A comércio e Indústria em Videira. A partir daí, vários frigoríficos surgiram no Oeste de Santa Catarina. Em Chapecó, no ano de 1952, cria-se a sociedade anônima Indústria e Comércio Chapecó. Em 1956 surge o frigorífico Seara e em 1962, no município de Itapiranga, cria-se a sociedade anônima frigorífico Itapiranga (...) por fim é fundada a cooperativa central oeste catarinense em Chapecó, no ano de 1969. (BAVARESCO, 2005, p.130).

⁶ Agroindústria entendida contemporaneamente como o conjunto de atividades relacionadas à transformação de matérias-primas provenientes da agricultura, pecuária, aquicultura ou silvicultura.

Em meados de 1960, embora a economia madeireira ainda fosse significativa, com o melhoramento do sistema viário com a abertura e conservação das estradas e o desenvolvimento de uma logística de transporte para o escoamento da produção, a suinocultura e a avicultura começaram a despontar como as atividades econômicas que mais se adaptavam a região, e por necessidade de ampliar este mercado, houve a modernização da produção e comercialização da agroindústria no Oeste de Santa Catarina. Segundo Testa, esta modernização só se deu por que a região apresentava características peculiares, são elas:

- A existência de uma produção familiar dinâmica já articulada, mesmo que informalmente, ao processo de agro industrialização.
- Um parque agroindustrial em expansão, concentrado nas atividades de produção e industrialização de matérias primas agrícolas. Neste parque destacaram-se a existência de um conjunto de agentes agroindustriais com enorme capacidade de empreendimento.
- Um serviço público de assistência técnica e extensão rural.
- Políticas públicas de financiamento e modernização dos parques industriais instalados no estado.
- Financiamentos para a modernização da agricultura provindos do governo federal. (TESTA, 1996, p.45).

Desta forma, até os anos 80, tanto o setor público como o privado contribuíram decisivamente para o crescimento da economia regional, com novas linhas de financiamento, incentivo à pesquisa e investimentos na infraestrutura viária, organizando o processo de industrialização e propiciando a conquista de novos mercados. (TESTA, 1996).

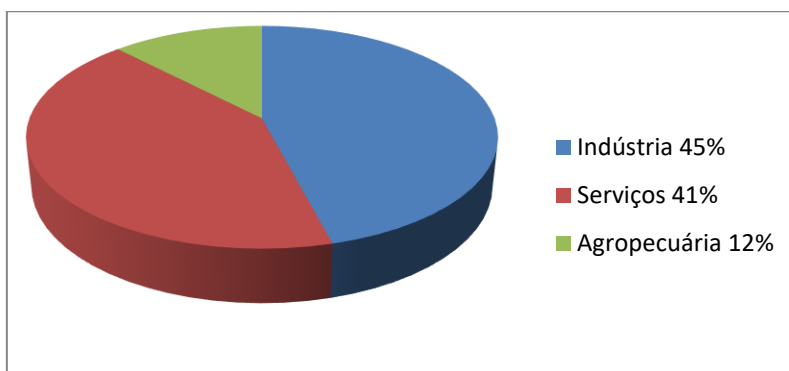
A partir de meados dos anos 1980 “ocorreu uma redução no volume de crédito rural e a retirada de subsídios” (TESTA, 1996, p.46), que levou a uma estagnação econômica na região, freando o desenvolvimento regional. Este processo foi consequência do problema da dívida externa, enfrentado pelo Brasil a partir de 1983, que levou o país a buscar uma estabilização da economia. (TESTA, 1996).

Porém após a superação da crise a partir dos anos 1990, a agroindústria em Chapecó volta a crescer e a contratar mão de obra providas de outros lugares, o que corrobora para o aumento demográfico percebido no censo de 1991.

Observa-se que em 1991, com a expansão da agroindústria em Chapecó, a população havia crescido significativamente, o que mostra que Chapecó era um polo atrativo de mão de obra. É neste período que temos os investimentos de capital estatal local e diversificação das atividades da agroindústria. Além da expansão do mercado consumidor. Assim vai se consolidando um complexo agroindustrial representativo em Chapecó, com empresas como a Sadia S/A, instalada em Chapecó desde 1945 e a Perdigão Alimentos.

Para visualizarmos a importância do setor industrial para a economia catarinense basta observarmos a contribuição deste setor em 1998 para composição do PIB estadual que chega a quase 50% do total computado os três setores econômicos:

Gráfico 1 – Contribuição percentual dos setores na composição do PIB catarinense (1998)



Fonte; IBGE com adaptação do autor.

A partir de 2001 a agroindústria passa por um processo de mudança, essas mudanças dizem respeito essencialmente a dois processos: o primeiro se refere a quebra do sistema de integração, já explicado anteriormente, característico dos anos anteriores e o segundo é o investimento fora do estado por parte dos grandes grupos agroindustriais, para a ampliação da capacidade produtiva, sobre esses dois processos Mattei escreve:

(...) as mudanças observadas dizem respeito ao sistema de integração entre proprietários rurais e empresas de beneficiamento de carnes de suínos e aves, carro chefe dos complexos agroindustriais em Santa Catarina. O referido sistema de integração configura traço estrutural e histórico dessas atividades e as alterações têm a forma de diminuição na quantidade de produtores rurais

integrados a cada empresa, simultaneamente ao aumento da capacidade dos contingentes que permanecem vinculados as agroindústrias (...). Outro aspecto dos processos recentes na agroindústria de suínos e aves diz respeito ao investimento das empresas. parece ser forte a tendência à realização de investimentos fora de Santa Catarina (...) o fato é que Santa Catarina se vê privada de esforços de ampliação da capacidade produtiva (...). (MATTEI, 2001, p.37).

Mesmo com essas mudanças a base do desenvolvimento de Santa Catarina e especialmente da região oeste, com polo em Chapecó, tem sido a produção, o abate e o processamento de suínos e aves nas grandes agroindústrias. (THEIS, 2001). E é o setor que mais gera empregos em Chapecó e na região Oeste.

Atualmente a região Oeste possui um dos maiores parques agroindustriais produtores de carnes de suínos e aves da América Latina, mesmo com a migração de capital, este setor é o mais significativo para a região oeste e para seu polo, a cidade de Chapecó.

Entre as agroindústrias instaladas em Chapecó destaca-se no cenário nacional e internacional a Sadia S/A e a Perdigão Indústria de Alimentos, que a partir de 2009 constituem a BRF Brasil foods, que é atualmente a maior exportadora de Aves do mundo. Mesmo com a integração a empresa segue usando as duas marcas, já consolidadas no mercado.

É visível que Chapecó se molda a produção agroindustrial, sendo que a maioria das empresas criadas no município, sejam elas de serviço ou comerciais, atendem aos complexos agroindustriais. Complexo este que nasceu de uma colonização de migrantes com uma vivível característica empreendedora.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise relacional aqui construída, alicerçada nos dados apresentados demonstrou que é possível apontar como uma das causas do desenvolvimento da agroindústria na região de Chapecó, a introdução de um migrante com perfil empreendedor no seu processo de colonização.

A colonização da cidade Chapecó foi marcada por migrantes que desenvolveram ali um dos mais importantes complexos agroindustriais do Brasil e da América Latina, erguidos

basicamente por dois pilares: o primeiro se refere às condições do local e os incentivos de ordem política e econômica e segundo faz menção ao perfil empreendedor do colono migrante.

Portanto, a caracterização colonial ítalo-brasileira evidenciou o desenvolvimento da agroindústria que primeiramente conferiu o status de centro comercial a cidade de Chapecó e depois a elevou à capital brasileira da agroindústria.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos Econômicos Regionais: modernização e empobrecimento do Extremo Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2005.

CEPA/SC - Instituto de Planejamento e economia Agrícola de Santa Catarina Secretaria de Estado da Agricultura e Política Rural. **Migração rural e estrutura agrária no oeste de Santa Catarina**. 2003. Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/migracao.pdf>>. Acesso em: 21/11/2012.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Italiano na Cidade: A imigração itálica nas cidades brasileiras**. Passo Fundo: UPF, 2000.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias no Brasil: o caso sadia**. Chapecó: Grifos, 1999.

GOULARTI, Alcides Filho. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2007.

GROSSELI, Renzo M. **Vencer ou Morrer : camponeses Trentinos (Venetos e Lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1987.

IBGE. Censo Industrial – 1960 a 1980. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/colecao_digital_publicacoes_multiplo.php?link=censoindustrial&titulo=Censo%20Industrial%20-%201960-1985> Acesso em 16/11/2012.

IBGE. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=420420>> Acesso em: 16/11/2012.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SC. **A Realidade Catarinense no Século XX**. Florianópolis: Palácio Cruz e Souza, 2000.

MATTEI, Lauro; LINS, Hoyêdo Nunes. A Socioeconomia Catarinense no limiar do século XXI. In: PEREIRA, Laércio et.al (Orgs). **Padrão produtivo e dinâmica**

econômica Competitiva: Estudo sobre setores selecionados em Santa Catarina.

Florianópolis: UFSC, 2001. p. 29-48.

MATTEI, Lauro; LINS, Hoyêdo Nunes. **A Socioeconômica catarinense: Cenários e perspectivas no início do século XXI.** Chapecó: Argos, 2010.

ORLOWSKI, Rosimari Fátima; AREND, Silvio Cezar. Indicadores de Desenvolvimento Socioeconômico na AMOSC – Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina. **Cadernos de Economia**, Chapecó: UNOCHAPECÓ, n. 17, p.61-82. Jul/dez. 2005.

RECHE, Daniela; SUGAI, Maria Inês. **A influência do capital agroindustrial na distribuição sócio-espacial urbana do município de Chapecó no sul do Brasil.** Unisversidad de Barcelona, 2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/257.htm>> Acesso em 30/10/2012.

SANTA CATARINA. INSTITUTO CEPA. **Informações da agricultura catarinense.** Disponível em: www.icepa.com.br. Acesso em: 31/10/2012.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

TEDESCO, João Carlos. **Um Pequeno Grande Mundo: A Família italiana no meio rural.** Passo Fundo: UPF, 2001.

TESTA, V. M. et al. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense.** Florianópolis: EPAGRI. 1996.

THEIS, Ivo M; NODARI, M. dos Santos. A Agroindústria de Aves e o Desenvolvimento Regional no Meio Oeste Catarinense. **Cadernos de Economia**, Chapecó: UNOCHAPECÓ, n. 07, p.07-28. Jul/dez. 2000.

VANGELISTA, Chiara. **Os braços da lavoura: imigrantes e “caipiras” na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930).** São Paulo: Hucitec, 1991.

ZARTH, Paulo Afonso et al. **Os caminhos da exclusão social.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.